

A CONFIGURAÇÃO ENUNCIATIVA EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS EM ESPANHOL: UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA

Maria Valdênia Falcão do Nascimento⁶⁵

Universidade Federal do Ceará

Resumo: Examinar a configuração enunciativa de um texto implica tomar como foco o falante e as implicações do seu dizer. Trata-se de fazer referência a como se diz algo e os efeitos desse dizer provocados na interação com o outro. Neste artigo, tratamos da configuração enunciativa em textos com modo de organização argumentativo, produzidos por alunos do Curso de Letras/Espanhol da Universidade Federal do Ceará, objetivando identificar e analisar o modo como se dá essa configuração e quais os efeitos de sentido que provoca no texto de forma geral. O trabalho está dividido em duas partes: na primeira, expomos sucintamente o referencial teórico adotado a partir de uma perspectiva Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008) e, na segunda, analisamos um texto argumentativo com o objetivo de investigar como se constitui sua organização enunciativa, especialmente no que diz respeito à manifestação dos comportamentos *alocutivo*, *elocutivo* e *delocutivo* assumidos pelo locutor.

Palavras-chave: Semiolinguística. Enunciação. Discurso. Língua.

INTRODUÇÃO

Considerando que a ação dos sujeitos na sociedade se faz na e pela linguagem, compreender o processo que envolve essa relação é uma condição importante para o engajamento do sujeito nas diferentes práticas sociais em que ele se insere. Charaudeau (2008, p.7) assinala que sendo a linguagem um fenômeno complexo, não se pode reduzi-la a um “simples manejo das regras gramaticais e das palavras do

⁶⁵ Professora de língua espanhola e prática de ensino de espanhol na Universidade Federal do Ceará. Doutora em Linguística pela UFC. E-mail: valdeniafalcao@yahoo.com.br

dicionário, como tendem a fazer crer a escola e o senso comum”. Nesse sentido, torna-se fundamental problematizar os diferentes aspectos que envolvem a linguagem quer em contexto escolar quer nas diferentes situações comunicativas do cotidiano. No presente trabalho, assumimos os pressupostos da *Teoria Semiollingística*, proposta por Charaudeau (2008), para quem a linguagem deve ser vista como uma “atividade humana”.

Quanto à forma de apresentação do conteúdo, dividiremos nosso texto em duas partes: na primeira, trataremos do referencial teórico adotado, apresentando uma reflexão acerca da manifestação dos comportamentos *alocutivo*, *elocutivo* e *delocutivo*, assumidos pelo locutor ao realizar seu projeto de dizer; e na segunda, explicitaremos a metodologia empregada para a coleta do *corpus* e faremos uma análise interpretativa das diferentes versões de um texto com modo de organização predominantemente argumentativo produzido por alunos do Curso de Letras/Espanhol, da Universidade Federal do Ceará. Nosso objetivo consiste em propormos uma reflexão acerca dessas categorias discursivas mobilizadas durante o processo de composição textual.

A TEORIA SEMIOLINGÜÍSTICA

Com base nos pressupostos teóricos de Charaudeau (2008), vejamos, inicialmente, como se caracteriza o campo semiollingístico, como se apresentam os participantes do ato enunciativo e como se configuram os diferentes modos de organização do discurso, sendo essas, noções centrais para a compreensão da teoria.

Consideramos relevante uma explicação inicial sobre o porquê de uma análise semiollingística, como a ora proposta, nos estudos sobre a linguagem. Nesse

sentido, vale destacar que seu idealizador⁶⁶ propõe um modelo de análise do discurso em três níveis (MAINGUENEAU & CHARAUDEAU, 2006, p. 453):

1. **Nível situacional** – também chamado comunicacional. Lugar em que se encontram os dados externos que desempenham o papel de coerções proveniente da identidade dos parceiros e do lugar que eles ocupam na troca. Nesse nível, considera-se as circunstâncias materiais em que o *ato de linguagem*⁶⁷ se realiza.

2. **Nível discursivo** – lugar em que se instauram as diferentes maneiras de dizer: o modo de falar (implícitos), os papéis languageiros (relações de força) que se estabelecem entre locutor e interlocutor.

3. **Nível semiolinguístico (ou textual)** – lugar das escolhas linguísticas que configuram o texto: as formas dos signos, suas regras de combinação e seus sentidos, usados para exprimir uma intenção de comunicação, tomados em relação ao quadro situacional e as coerções da organização discursiva.

Considerando-se os níveis de análise propostos, dentro do quadro da *Teoria Semiolinguística*, todo enunciado deve construir seu objeto para análise com uma tripla interrogação: 1. Quais são as condições situacionais do ato de linguagem? 2. Quais procedimentos discursivos ele aciona? e 3. Em que consiste sua configuração contextual?

Nas palavras do autor (2008, p. 21),

O projeto Semiolinguístico deverá tentar responder às questões fundamentais que sustentam toda teoria da significação:
- O que conhecemos do signo e como ele pode ser definido?

⁶⁶ **Patrick Charaudeau** é professor de Ciências da Linguagem na Universidade de Paris XIII e diretor do Centro de Análise do Discurso. Publicou obras de referência como *Dicionário de Análise do Discurso* (com Dominique Maingueneau), *Discurso Político* e *Discurso das mídias*.

⁶⁷ Noção central dentro da teoria, o ato de linguagem é concebido como “um conjunto de atos significadores que *falam* o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão”. (CHARAUDEAU, 2008, p.20)

- O conceito de comunicação é pertinente em um tal projeto?
 - O que é a competência linguageira e quais são seus componentes?
- Enfim, o que é analisar um texto e, de uma maneira mais geral, qual comentário é possível fazer sobre os atos de linguagem?

Trata-se, portanto, de uma reflexão que vai além daquela feita no âmbito de uma análise do discurso que vê o sujeito como, irremediavelmente, assujeitado a uma dada formação discursiva, sem espaço para manifestação de traços da sua singularidade. Por esse viés, a Semiologia pode ser vista como uma corrente que concebe o discurso como um “jogo comunicativo” entre indivíduos psicossociais e suas produções linguageiras. O falante (sujeito comunicante) é visto como não sendo completamente individual, já que reproduz a voz do “social”; nem completamente coletivo, uma vez que os aspectos psicossociais e situacionais lhe garantem a manifestação de uma certa individualidade.

Vale aqui ressaltar que trabalhos recentes, Possenti (2005), Baptista (2005) e Nascimento (2007), acerca da autoria em textos de escolares, também postulam um sujeito não plenamente assujeitado e que se dá a conhecer mediante um trabalho que realiza com a linguagem durante sua produção textual. A autoria, nessa perspectiva, é conferida por um gesto de individuação do sujeito, isto é, por um modo singular de intervir no próprio texto. Contudo, devido aos limites desse trabalho, não aprofundaremos as questões acerca da autoria e da sua relação com a singularidade do sujeito, para aprofundamento dessas questões, indicamos os trabalhos anteriormente citados.

OS PARTICIPANTES DO ATO ENUNCIATIVO

A configuração enunciativa de um ato de linguagem tem como determinante um sujeito comunicante (locutor) que ocupa o centro de uma *situação de comunicação* e mantém um espaço de troca com um parceiro (interlocutor). O sujeito comunicante pode ser caracterizado por dois tipos de identidade: uma social e outra discursiva. A primeira o define como aquele que toma a fala, é, portanto, possuidor de um estatuto social e dotado de uma intenção comunicativa, nesse caso, visto como um ser

comunicante; já a segunda define o sujeito comunicante como um ser de linguagem que se expressa ao realizar um processo de enunciação (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2006, p. 458).

De acordo com Charaudeau (2008, p. 45), o ato de linguagem se constitui em um ato interenunciativo entre quatro sujeitos, compondo um lugar de encontro imaginário de dois universos de discurso não idênticos entre si. O autor postula a existência de dois sujeitos de fala: EU e TU (EUC – eu comunicante e TUi – tu interpretante) que se desdobram em dois sujeitos de linguagem (EUE – eu enunciador e TUD - destinatário). Os dois primeiros são exteriores ao ato de linguagem, enquanto que os últimos são internos, ou seja, seres de palavras que atuam como protagonistas da enunciação. Vejamos como o autor apresenta o circuito gerado pelo ato de linguagem, no qual participam os sujeitos, em uma situação de comunicação:

O EUC (sujeito comunicante) é um sujeito agente (como o TUi), localizado na esfera externa do ato de linguagem, mas, responsável por sua organização. O EUC é o iniciador-responsável pelo ato de produção e é a relação EUC – EUE que produz um certo *efeito pragmático* sobre o Interpretante. O EUC é sempre considerado como uma *testemunha do real*, mas, dentro desse “real”, depende do conhecimento que o TUi tem sobre ele. (CHARAUDEAU, 2008, p. 52, grifos do autor)

Como podemos observar, para que o ato comunicativo tenha sucesso é necessário que a interpretação dada pelo EUi – *sujeito interpretante* coincida com aquela proposta pelo EUC – *sujeito comunicante*. Daí podermos afirmar que o ato de linguagem se desenrola no campo do imprevisível, uma vez que não é possível prever completamente todos os *possíveis interpretativos*⁶⁸ resultantes de um ato de linguagem. Vale destacar que todo ato de linguagem é também determinado pelas *circunstâncias de discurso* (condições de produção e de interpretação do ato de linguagem) que envolvem os saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem, quais sejam: o que os parceiros sabem um do outro e o que estes sabem da situação de comunicação.

⁶⁸ Constituem as representações linguageiras das experiências dos indivíduos pertencentes a um determinado grupo ou comunidade.

Trata-se, em suma, de não confundir os *parceiros do ato de linguagem*, seres sociais e psicológicos, externos ao ato, mas inscritos nele (Locutor-emissor e Interlocutor-receptor), dos *protagonistas da enunciação*, seres de linguagem, internos ao texto (Enunciador e Destinatário). Uma vez conhecidos os sujeitos envolvidos no ato de linguagem, interessa-nos examinar como esses sujeitos organizam enunciativamente seu discurso. Passemos a esse ponto.

OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

Conforme Charaudeau (2008), os diferentes procedimentos discursivos pelos quais o discurso se organiza podem ser de ordem *enunciativa, descritiva, narrativa e argumentativa*. Cada uma dessas ordens de organização corresponde a um modo de organização do discurso com uma *função de base* específica. De acordo com o autor, cada função corresponde a uma finalidade discursiva do projeto de fala do locutor e tem em conta as respostas aos seguintes questionamentos: O que é enunciar? O que é descrever? O que é contar? E o que é argumentar? Tal organização consiste em uma encenação discursiva (“mise-en-scène”) na qual,

O locutor, mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela *Situação de comunicação*, utiliza *categorias de língua*, ordenadas nos *Modos de organização do discurso* para produzir sentido, através da configuração de um *Texto*. (CHARAUDEAU, 2008, p. 75, grifos do autor)

Passemos a uma breve explicação de cada modo de organização caracterizado pelo autor.

De modo resumido, podemos dizer que o Modo Enunciativo cumpre uma função particular na organização do discurso, cabendo-lhe dar conta da posição do locutor com relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros, o que resulta na construção de um **aparelho enunciativo**. O Modo Descritivo tem a função de identificar e qualificar seres de maneira objetiva ou subjetiva; já o Modo Narrativo visa construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um

relato, e, por fim, o Modo Argumentativo objetiva expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor.

O autor propõe, ainda, uma importante distinção entre o Modo de organização Enunciativo e o processo de Modalização. Este último visto como uma *categoria de língua* que reúne o conjunto dos procedimentos estritamente linguísticos, os quais permitem tornar explícito o ponto de vista do locutor, enquanto o Modo Enunciativo constitui-se numa *categoria de discurso* que aponta para a maneira pela qual o sujeito comunicante age na encenação do ato de comunicação. É importante observar que embora se tratem de categorias de níveis diferentes (língua e discurso) ambas estão intimamente ligadas, isto ocorre porque “assim como as categorias de língua permitem a constituição do discurso, as categorias de discurso têm sua contrapartida nas categorias de língua” (CHARAUDEAU, 2008, p. 81).

Neste trabalho, temos como objetivo analisar a configuração enunciativa de um determinado ato de comunicação, qual seja, textos produzidos em sala de aula por futuros professores de espanhol como língua estrangeira (doravante E/LE). Para esse fim, interessa-nos descrever como se dá essa configuração, tomando como foco, particularmente, o Modo de Organização Enunciativo. Vejamos, a seguir, quais são os componentes que caracterizam esse Modo e como podemos conduzir uma análise interpretativa, tendo em vista examinar o funcionamento das categorias discursivas associadas a esse Modo de organização na construção do texto.

OS COMPORTAMENTOS ALOCUTIVO, ELOCUTIVO E DELOCUTIVO

Na caracterização do Modo Enunciativo podem-se distinguir três funções assim dispostas: 1ª. Estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor num comportamento dito ALOCUTIVO; 2ª. Revelar o ponto de vista do locutor, num comportamento ELOCUTIVO; 3ª. Retomar a fala de um terceiro, num comportamento DELOCUTIVO.

No **Comportamento Alocutivo**, o locutor enuncia *sua posição* em relação ao interlocutor no momento em que, com o seu dizer, o *implica* e lhe impõe um

comportamento. Assim, o locutor age sobre o interlocutor (ponto de vista acional) e, na instância de enunciação, atribui “papéis linguageiros”⁶⁹ a si e ao interlocutor. No segundo tipo de comportamento, qual seja o **Elocutivo**, o locutor enuncia *seu ponto de vista* sobre o mundo (o Propósito referencial), sem que o interlocutor esteja implicado nessa tomada de posição. Já no **Comportamento Delocutivo**, o locutor *se apaga* de seu ato de enunciação e não implica o interlocutor. É o caso das diferentes formas de discurso relatado. As modalidades delocutivas são *desvinculadas* do locutor e do interlocutor. O propósito existe em si, e se impõe aos interlocutores em seu modo de dizer: “Asserção” ou “Discurso relatado” (CHARAUDEAU, 2008, p. 83, 100).

São esses três componentes da construção enunciativa que permitem tratar da relação de influência que o locutor tenta construir sobre seu interlocutor, do ponto de vista do locutor sobre o mundo e da relação mantida com outros discursos. Cabe ressaltar que se trata sempre de uma “encenação discursiva”, em que o sujeito comunicante mantém a ilusão de controle e de saber sobre as circunstâncias de produção e de interpretação discursiva.

Consideramos pertinente esclarecer, com mais detalhes, a concepção de locutor, interlocutor e enunciador assumida pelo autor:

Para Charaudeau (1998c), por exemplo, que propõe um modelo da comunicação com dois espaços, interno e externo, o **locutor** é um dos parceiros externos ao ato de enunciação, o sujeito comunicante, que toma posse da palavra, em quem se situa o projeto de fala. Simetricamente, o **interlocutor** (ou sujeito interpretante) é o outro parceiro, o receptor, que recebe e interpreta o ato de comunicação que lhe é endereçado. Por oposição, o **enunciador** é um ser de fala que está presente (ainda que se apagando) nos enunciados produzidos. (MAINGUENEAU & CHARAUDEAU, 2006, p. 311, grifos nossos)

O autor ainda utiliza a seguinte ilustração para exemplificar os conceitos:

⁶⁹ Esses papéis podem ser de dois tipos: 1. O suj. falante se enuncia em posição de superioridade (relação de força); 2. O suj. falante se enuncia em posição de inferioridade (relação de petição).

Um pai que exclamaria diante de seu filho que entra em casa completamente coberto de lama: “Ah, que bonito!” julga, como locutor, que seu filho está sujo e que deveria tomar banho, embora, como enunciador, exprima um julgamento aparentemente positivo. Como locutor, ele sustenta um julgamento negativo, mas, ao mesmo tempo, situa-se nele um projeto de fala, que consiste em exprimir o inverso daquilo que pensa, ficando a cargo de seu interlocutor compreender o que significa essa inversão (ironia). Dito de outra forma, presume-se que o locutor sabe o que quer dizer e, para isso, utiliza-se dessa diferença de natureza entre locutor e enunciador. (MAINGUENEAU & CHARAUDEAU, 2006, p. 311)

Feitos esses comentários iniciais, aprofundaremos, a seguir, durante a análise, nossas considerações a respeito da configuração enunciativa construída pelo sujeito comunicante durante a sua produção textual.

ANÁLISE DA CONFIGURAÇÃO ENUNCIATIVA

Antes de passarmos à análise do *corpus* proposto, convém destacar a metodologia empregada no tocante aos procedimentos de coleta e aos sujeitos da pesquisa.

O texto selecionado para análise faz parte de um *corpus* de pesquisa que conta com 60 (sessenta) produções, em língua espanhola, produzidos e recolhidos no Curso de Graduação em Letras (habilitação Português-Espanhol) da Universidade Federal do Ceará, no segundo semestre de 2006, durante a disciplina de Compreensão e Produção de Textos em Espanhol. O referido *corpus* foi coletado para nossa Dissertação de Mestrado (NASCIMENTO, 2007) cujo objetivo, na ocasião, foi analisar a assunção da autoria na produção textual escrita de futuros professores de espanhol como língua estrangeira. No presente trabalho, tendo em vista os objetivos traçados e a exiguidade do espaço que caracteriza o ensaio científico, analisaremos apenas as versões de um dos textos produzidos.

A coleta do *corpus* foi realizada do modo como detalhamos a seguir:

Acompanhamos, semanalmente, as aulas ministradas na disciplina de Compreensão e Produção de Textos em Espanhol, na Universidade Federal do Ceará. Recolhemos os textos produzidos pelos alunos logo após completarem o processo de refacção textual conduzido pela professora da disciplina.

Revista Eletrônica do GEPPELE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Práticas de Ensino e Formação de Professores de Espanhol

Departamento de Letras Estrangeiras - Universidade Federal do Ceará

Ano I – Edição Nº 01 – Vol. I – Julho/ Novembro de 2013

ISSN 2318-0099

Para a produção da primeira versão de cada texto, os alunos foram, inicialmente, expostos a um texto motivador analisado pela professora em sala. Em seguida, produziram um rascunho, no qual anotaram suas idéias iniciais (tormenta de idéias), a tese a ser defendida e os argumentos que deveriam empregar. Depois dessa atividade inicial, desenvolveram a primeira versão do texto que ao final foi entregue a outro colega de sala para ser avaliada.

Em um segundo momento, os alunos retomaram seus textos para analisar a avaliação feita pelo colega, após o que produziram a segunda versão do texto, etapa em que aceitaram ou recusaram, de modo total ou parcial, as intervenções feitas pelo colega de sala. Essas intervenções foram de ordem gramatical, textual ou discursiva. Ao término da segunda versão, esta foi entregue à professora para uma segunda avaliação do texto.

Em um terceiro momento, os alunos voltaram a seus textos e de posse da segunda avaliação, repetiram os mesmos procedimentos da etapa anterior. A terceira versão foi considerada a etapa final. Após cada trabalho, a professora avaliou o processo, atribuindo uma nota aos alunos correspondente, não apenas à versão final do texto, mas a todo o processo de produção que envolveu a confecção das versões durante o processo de refacção em sala de aula.

Na análise proposta dos textos construídos, examinaremos como o sujeito comunicante (locutor) organiza a configuração enunciativa do seu texto, isto é, como estabelece uma relação de influência com o seu interlocutor (comportamento alocutivo); como enuncia seu ponto de vista sobre o objeto discursivo (comportamento elocutivo) e em como retoma a fala de um terceiro (outros discursos), num (comportamento delocutivo), tendo em vista realizar seu projeto de dizer. Utilizaremos a terminologia proposta por Charaudeau (2008) para referir aos sujeitos da comunicação: sujeito comunicante (locutor), sujeito interpretante (interlocutor), sujeito enunciante (enunciador) e sujeito destinatário.

A fim de preservar a identidade do produtor do texto, indicaremos somente as iniciais do seu nome.

Tema 02 - (1ª versão)

Aluno R. C.

Las películas de acción

Hoy día es muy común oír uno diciendo: “- Los cines de ahora son muy previsibles, sobretudo las películas de acción”. Eso no suena como una exageración. De hecho estas películas han cambiado mucho, los argumentos casi no existen, los héroes están descaracterizados y las situaciones vividas por ellos son las más inverosímiles posibles; como dice el crítico José Maria Guelbenzu: “No se ahorran emociones, pero tampoco se ahorra coherencia. Un buen argumento tenía que responder a probados criterios de verosimilitud y credibilidad”.

Que el cine de acción ha empeorado a lo largo de los años ya se sabe y el motivo de eso también es del conocimiento de todos: el dinero, el lucro. ¡Ni las artes se respeta ya! Los directivos dicen que producen las películas que el público pide, transmitiendo la idea de que son muy buenitos y su deber es satisfacer la “voluntad” de aquellos.

La verdad es que antes se buscaban resultados económicos, pero actualmente parece que no se busca nada más que eso. La gente sigue asistiendo a esas películas porque están llenas de esperanza. Quizá un día dichoso consigan asistir a una buena. Mientras van asistiendo, llenan los bolsillos de los productores y éstos “producen” más.

Inicialmente, no que tange ao comportamento elocutivo, ou seja, em como o locutor enuncia seu ponto de vista sobre o objeto discursivo, inicialmente, chamamos a atenção para o enunciado em discurso direto - *Los cines de ahora son muy previsibles, sobretudo las películas de acción*, com o qual o locutor pondera que os filmes de hoje não são verossímeis, incorrendo, assim, em uma avaliação negativa. Também podemos perceber esse ponto de vista nos enunciados destacados *Que el cine de acción ha empeorado a lo largo de los años ya se sabe*. De acordo com Charaudeau (2008, p. 85), as modalidades de avaliação: **opinião** e **apreciação** estão associadas ao comportamento elocutivo assumido pelo locutor. É através dessas categorias, que podemos perceber a manifestação dos diferentes comportamentos discursivos, como é possível observar da passagem destacada.

Em seguida, no segundo parágrafo, o locutor enuncia da posição de alguém que se coloca como um amante dos filmes de ação de décadas passadas. Ao enfatizar que as mudanças sofridas por esses filmes se deram por fatores econômicos, mantém o ponto de vista de que tais mudanças foram negativas, e, para tanto, apóia-se no argumento de que os responsáveis por elas visavam apenas ter lucro, o que equivaleria a ganhar dinheiro.

Notemos que o locutor repete um discurso mantido por opositores ao sistema capitalista que consideram que, nesse sistema, objetiva-se unicamente o lucro em detrimento de outros valores. Essa interpretação se pauta também pela forma como ele coloca o seguinte enunciado no texto, referindo-se às artes de modo geral: *¡Ni las artes se respeta ya!*. Podemos deduzir que associa as artes ao mercado; nesse caso, evidencia-se a noção de arte como produto que se vende e se compra e, dessa ótica, se inscreve no universo capitalista. O locutor, por meio dos enunciados avaliativos mobilizados, cria para si mesmo a imagem de um enunciador engajado politicamente e que defende causas ligadas às artes e à cultura em geral.

Os posicionamentos, isto é, o ponto de vista assumido que enfatizamos, dão mostras do comportamento elocutivo do locutor, de como esse expressa seu ponto de vista sobre o objeto discursivo. A seguir, examinaremos como procura manter uma relação de influência sobre o interlocutor (comportamento alocutivo) e como isso se manifesta internamente pela maneira como o sujeito enunciadador se exprime na linearidade do dizer.

Assinalamos, inicialmente, a ironia com que é feita a referência aos diretores dos filmes de ação, o que podemos ver no uso da expressão *muy buenitos*, quando o adjetivo *bueno* aparece junto ao sufixo *-ito* assumindo, nesse caso, um valor afetivo em lugar de um valor diminutivo. Com esse estratagema, sugere que os diretores tentam passar uma imagem falsa para os fãs desse tipo de filme a fim de conquistar sua confiança. Vale notar ainda o uso das aspas em “*voluntad*” usadas para chamar a atenção do interlocutor sobre o sentido com que a palavra está sendo empregada. Neste sentido, o locutor emprega o termo de forma irônica, já que, na verdade, quer questionar

se essa “*voluntad*” (vontade) realmente existe, ou se trata apenas de um discurso que os diretores de filmes sustentam para justificar suas ações. Por essa ótica, podemos dizer que as aspas são usadas para direcionar a interpretação do interlocutor.

Na primeira parte, do terceiro e último parágrafo, ao enunciar *La verdade es que... pero*, inscreve um discurso com o qual entra numa relação de solidariedade ou de antagonismo. Busca orientar a interpretação do seu destinatário no sentido de que embora se compare e se defenda a supremacia dos filmes de antigamente em relação aos de hoje, sabe-se que o fator econômico sempre foi preponderante, mas nunca de modo tão grave e tão determinante quanto o é em nossos dias.

Ao final do parágrafo, aspeia “*producen*” a fim de enfatizar esse ponto específico do seu dizer e, neste sentido, é como se dissesse a seu interlocutor: “veja, eles não produzem nada, esse discurso não é verdadeiro”. Com base nisso, notamos que o efeito dado pela inserção das aspas é o de ironia, uma vez que, enquanto internamente o sujeito enunciador sustenta que os produtores produzem cada vez mais filmes, cria-se o efeito de ironia pretendido pelo locutor, de que, na verdade, não há produção, e o que se questiona é a constante repetição desses filmes, todos conformados a uma fórmula e enxertados dentro de uma forma absolutamente previsível.

Como podemos perceber, o locutor emprega diferentes estratégias, tendo em vista, orientar a interpretação do interlocutor, quais sejam: o uso de aspas; a inscrição de discursos correntes como argumento de autoridade para corroborar seu ponto de vista, além do emprego de adjetivos avaliativos para modalizar o seu dizer. Estes procedimentos dão mostras do trabalho do sujeito comunicante com a linguagem, e desvelam sua singularidade ao enunciar, por meio do *como* esses diferentes procedimentos são agenciados no texto.

Por fim, vejamos como o locutor retoma a fala de um terceiro (outros discursos), num comportamento delocutivo, tendo em vista realizar seu projeto de dizer.

Na produção de R. C., há a inserção de dois enunciados como discurso direto, procedimento discursivo, que, segundo Charaudeau (2008), constitui-se numa

modalidade que caracteriza o comportamento delocutivo. Ao fazer uso desse procedimento, como podemos ver pelos enunciados: *Hoy día es muy común oír uno diciendo:*”- *Los cines de ahora son muy previsibles, sobretudo las películas de acción*” e em *como dice el crítico José Maria Guelbenzu: “No se ahorran emociones, pero tampoco se ahorra coherencia”*. Un buen argumento tenía que responder a probados criterios de verosimilitud y credibilidad, o enunciador “se apaga”, ainda que momentaneamente, do ato de enunciação, abrindo espaço para inserção de enunciados que não lhe pertencem (ponto de vista externo). Podemos considerar que esse procedimento adotado pelo sujeito ao enunciar visa a conquistar a confiança do interlocutor, a fim de garantir a adesão a seu ponto de vista.

A análise empreendida nos permite concluir que em um texto com sequência argumentativa predominante é possível perceber a coocorrência dos três tipos de comportamentos enunciativos destacados e que essa configuração enunciativa aponta para um sujeito que faz escolhas ao enunciar, e que ao recortar o espaço do dizível, também dá mostras da sua singularidade.

No que se refere à segunda e à terceira versão da produção de R.C., vale observar que não houve mudanças nas diferentes modalidades de comportamento assumidas pelo locutor do texto e que ora analisamos. Registramos, no entanto, mudanças na forma de construir alguns dos posicionamentos assumidos. Passemos a algumas considerações sobre a segunda e a terceira versão do texto de R.C.

Tema 02 - (2ª versão)

Aluno R. C.

Las películas de acción

Hoy día es muy común oír uno diciendo: “- Los cines de ahora son muy previsibles, sobretudo las películas de acción”. Eso no suena como una exageración. Estas películas efectivamente han cambiado mucho, los héroes están descaracterizados y las situaciones que viven los personajes son lo que hay de más inverosímil; además de eso los argumentos casi no existen. Con respecto a ello, dice el crítico José Maria Guelbenzu: “No se ahorran emociones, pero tampoco se ahorra coherencia. Un buen argumento tenía que responder a probados criterios de verosimilitud y credibilidad”.

Revista Eletrônica do GEPPELE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Práticas de Ensino e Formação de Professores de Espanhol

Departamento de Letras Estrangeiras - Universidade Federal do Ceará

Ano I – Edição Nº 01 – Vol. I – Julho/ Novembro de 2013

ISSN 2318-0099

Que el cine de acción ha empeorado a lo largo de los años ya se sabe y el motivo también se conoce: el deseo de detener ventajas en todo. ¡Ni a las artes se respeta ya! Los directivos dicen que producen las películas que el público pide, con lo que transmite la idea de que es su deber simplemente satisfacer la “voluntad” de aquellos.

Como podemos notar, os três parágrafos da primeira versão são condensados em apenas dois. O terceiro parágrafo é suprimido e retomado na terceira versão, como veremos a seguir.

Da segunda versão, destacamos a inserção do enunciado *el deseo de tener ventajas en todo*, que, embora uma interpretação possível seja a de que não se refira diretamente ao dinheiro e ao lucro, tal como tinha ocorrido na primeira versão, recupera esse sentido de forma subentendida. É interessante notar que esse enunciado se inscreve num dado discurso sobre os brasileiros, qual seja, o de que o brasileiro gosta de levar vantagem em tudo. Sendo assim, ao empregar a palavra “*ventajas*”, que funciona dentro de uma dada prática discursiva, no caso aquela que identifica o brasileiro com a idéia de aproveitador, sem escrúpulos, de qualquer situação em seu benefício, o locutor acaba por agregar ou introduzir esses sentidos no seu texto. Vale dizer, ainda, que “vantagem” pode remeter ao lucro, a posse ou ganho de dinheiro e isso, muitas vezes, pode ser alcançado a qualquer custo. Dessa forma, um interlocutor, pertencente a uma dada comunidade discursiva poderia, ao se inserir numa certa prática com a linguagem, recuperar e reforçar esse sentido. Diante disso, estamos em consonância com a asserção de Bakhtin (1929) de que as palavras estão carregadas de sentido e esse se constrói social e ideologicamente.

Além da alteração examinada, identificamos que houve a supressão do enunciado *transmitiendo la idea de que son muy buenitos*, presente na primeira versão, ponto que merece ser melhor analisado. Dessa forma, avançando na análise, observamos que, com o apagamento do referido enunciado, desaparece do texto a dimensão irônica que demonstra o ponto de vista do locutor quanto ao caráter dos diretores do cinema. Com a forma em diminutivo “*buenitos*” seria como se dissesse numa interpretação

possível: é isso mesmo, eles pensam que nos enganam com essa aparência de bonzinhos, mas não nos enganam.

Passemos às alterações da terceira versão.

Tema 02 - (3ª versão)

Aluno R. C.

Las películas de acción

Hoy día enriquecer es el objetivo de toda la gente. El deseo de obtener ventajas en todo ha afectado incluso las artes, sobretudo el cine. Frecuentemente se oye uno diciendo: “- Las películas de ahora son muy previsibles, principalmente las de acción”. Eso no suena como una exageración. De hecho estas películas han cambiado de manera extraordinaria.

Antiguamente los héroes eran más bien caracterizados y las situaciones las que vivían los personajes, más verosímiles. Actualmente los argumentos se han deteriorado y la incoherencia reina absoluta en las películas de acción. Con respecto a ese cambio, declara José María Guelbenzu: “No se ahorraban emociones, pero tampoco se ahorraba coherencia. Un buen argumento tenía que responder a probados criterios de verosimilitud y credibilidad”.

Los directivos dicen que producen las películas que el público les pide, con lo que transmiten la idea de que simplemente satisfacen la “voluntad” de los espectadores. La verdad es que, aunque se buscaban resultados económicos, había cierto compromiso con el público y, en cambio, se producían buenas películas; sin embargo hoy día, se puede añadir a esa falta de compromiso, la pasividad del público, que no tiene ya la crítica que tenía antaño y sigue asistiendo a esas malas películas – quizá con la esperanza de que un día asistirá a una que sea buena – y llenando los bolsillos de los productores.

Seguro que es difícil, pero si la gente se despierta y empieza a rechazar tales películas, probablemente esta situación puede cambiar y uno, finalmente, podrá volver a deleitarse con buenos cines de acción.

Na terceira e última versão, embora o locutor a inicie com a mesma expressão usada nas versões anteriores, *Hoy día*, notamos que, enquanto nas duas primeiras versões o objeto discursivo foi abordado de forma direta através da inserção de outro enunciador, por meio do discurso direto; nessa terceira versão, inscreve,

inicialmente, enunciados ligados a um discurso contrário à doutrina capitalista, o que, entretanto, não altera o ponto de vista do locutor sobre seu objeto discursivo.

Com a mudança na organização dos argumentos, o primeiro parágrafo é desmembrado em dois. No segundo parágrafo, o locutor aponta as principais diferenças que observa entre os filmes de hoje e os que considera como de *antiguamente*, procurando mobilizar sentidos que reforcem seu ponto de vista. É-nos também possível perceber que este escreve com base numa imagem pré-construída do seu interlocutor, em função dele ajusta sua linguagem e agencia diferentes recursos linguísticos, procurando influenciá-lo. Tais mecanismos, como dissemos, anteriormente, concorrem para caracterizar o comportamento alocutivo em que o locutor busca influenciar ou agir sobre seu interlocutor.

O parágrafo de conclusão, ausente nas versões anteriores, não acrescenta nenhuma informação nova ao texto. O locutor limita-se a emitir uma opinião sobre o que o público poderia fazer para forçar os diretores a apresentarem bons filmes de ação. Entretanto, as sugestões que faz, a exemplo de, *pero si la gente se despierta y empieza a rechazar tales películas*, está associada a discursos como os que encontramos na esquerda política ou em movimentos ligados a associações e sindicatos nos indicativos de greve.

De forma resumida, podemos dizer que, nas três versões do texto de R.C., há um ponto de vista explícito do locutor, tanto em relação aos filmes de ação que a indústria cinematográfica produz atualmente quanto em relação à postura do público diante dessas produções. Vemos, ainda, como ele articula discursos e intervém sobre a linearidade do dizer de modo a tentar direcionar a interpretação do interlocutor. Para tanto, mobiliza diversos recursos da linguagem, como a utilização do discurso relatado e da modalização em discurso segundo, além do aspeamento e da inserção de enunciados irônicos, o que nos permite identificar os comportamentos que vimos analisando, quais sejam, o *elocutivo*, o *alocutivo* e o *delocutivo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme expusemos, falar da configuração enunciativa de um texto inclui falar sobre o ponto de vista enunciativo expresso na linguagem, o que implica tomar como foco o falante e as implicações do seu dizer.

É interessante notar que, como diz Bakhtin (Voloshinov) (1929), falamos sempre com a palavra dos outros, o que significa dizer que os sentidos atribuídos às palavras são construídos social e historicamente, o sentido não nasce no momento em que pronunciamos as palavras. Destarte, podemos relacionar essa conclusão com os efeitos provocados pelo dito e pelo como é dito, o que envolve, portanto, a atitude que o locutor assume diante do seu dizer, ou seja, a como ele modaliza seu discurso tendo em vista cumprir com seu objetivo de comunicação, ou, nas palavras de Baptista (2005), cumprir com o seu projeto de dizer, para o que se servirá de diferentes manobras e estratégias, tendo em vista orientar a atitude interpretativa do seu interlocutor.

Um estudo da configuração enunciativa de textos argumentativos, como o ora realizado, pode contribuir para a compreensão do processo que envolve tanto a construção do enunciado como o seu contexto de produção, o que nos leva a desvelar um pouco mais a complexidade que envolve a tessitura textual. Dessa forma, pensamos concorrer para os estudos voltados para essa problemática, qual seja, a da produção de textos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.). (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2004.
- BAPTISTA, L. M. T. R. **Manobras e estratégias de autoria: a singularidade do sujeito na produção escrita em língua espanhola**. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

BAPTISTA, L. M. T. R. **Manobras e estratégias de autoria: a singularidade do sujeito na produção escrita em língua espanhola.** Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

NASCIMENTO, Maria Valdênia F. do. **Autoria e posicionamento na produção textual escrita de futuros professores de espanhol como língua estrangeira.** Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, UFC, 2007.

POSSENTI, S. Indícios de autoria. **Perspectiva.** Florianópolis, v 20, n.01 p. 105-124, jan/jun. 2002.

RESENHAS